

Teses ao VI Congresso do PCM:

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL, CONTRADIÇÕES INTERIMPERIAIS. A LUTA DA CLASSE OPERÁRIA

Partido Comunista do México (PCM) *

[...]

7. O capitalismo na sua fase imperialista desenvolve as suas tendências e contradições. Marcado por sequelas da crise de sobreprodução e sobre-acumulação que rebentou em 2008, há uma década, de implicações mundiais, afectando os EUA a UE, o Japão, a China e todos os países, independentemente da posição que ocupem no sistema imperialista. Há um processo de recuperação muito débil, como reconhecem o próprio FMI, o BM, etc., o que se traduz numa grande preocupação para os centros imperialistas, visto que não há uma saída segura para a crise e, bem pelo contrário, aumentam as contradições. Uma recuperação débil com muitos travões e desacelerações, o que se antevê como o caminho para uma nova e profunda crise económica.

Últimas proyecciones

La expansión continúa a un ritmo más desigual.
(variación porcentual)

	Proyecciones		
	2017	2018	2019
Producto mundial	3.7	3.9	3.9
Economías avanzadas	2.4	2.4	2.2
Estados Unidos	2.3	2.9	2.7
Zona del euro	2.4	2.2	1.9
Alemania	2.5	2.2	2.1
Francia	2.3	1.8	1.7
Italia	1.5	1.2	1.0
España	3.1	2.8	2.2
Japón	1.7	1.0	0.9
Reino Unido	1.7	1.4	1.5
Canadá	3.0	2.1	2.0
Otras economías avanzadas	2.7	2.8	2.7
Economías de mercados emergentes y en desarrollo	4.7	4.9	5.1
Comunidad de Estados Independientes	2.1	2.3	2.2
Rusia	1.5	1.7	1.5
Excluida Rusia	3.6	3.6	3.7
Economías emergentes y en desarrollo de Asia	6.5	6.5	6.5
China	6.9	6.6	6.4
India	6.7	7.3	7.5
ASEAN-5	5.3	5.3	5.3
Economías emergentes y en desarrollo de Europa	5.9	4.3	3.6
América Latina y el Caribe	1.3	1.6	2.6
Brasil	1.0	1.8	2.5
México	2.0	2.3	2.7
Oriente Medio, Norte de África, Afganistán y Pakistán	2.2	3.5	3.9
Arabia Saudita	-0.9	1.9	1.9
África subsahariana	2.8	3.4	3.8
Nigeria	0.8	2.1	2.3
Sudáfrica	1.3	1.5	1.7
Países en desarrollo de bajo ingreso	4.7	5.0	5.3

Fuente: FMI, Actualización de Perspectivas de la economía mundial, julio de 2018.

8. Há um imenso volume de capital sobre-acumulado em todos os centros imperialistas e uma tendência para desvalorizar de forma controlada o capital sobre-acumulado.

9. Apesar de todos os esforços, das medidas adoptadas, sobretudo as que contribuíram para a desvalorização do trabalho, a economia encontra-se desacelerada, não obstante os monopólios terem aumentado os seus lucros. Só em 2017, o Produto Interno Bruto (PIB) mundial teve um crescimento de 3,5% e, apesar do seu ritmo mais alto desde 2010, a riqueza privada cresceu 12%, isto é, 3,4 vezes mais que aquele, e até agora descansa em 85% nas débeis tendências de recuperação dos EUA e da China que se apoiam em factores estritamente de curto prazo: nos EUA no estímulo fiscal promovido por Trump e que só tem previsões até 2019, enquanto na China assenta no crédito e no sistema bancário, que são muito frágeis.

10. Como resultado da crise, bem como da débil e desigual recuperação da economia capitalista, também se verificou o *crack* do envolvimento ideológico chamado *globalização*. A tendência *proteccionista* (BREXIT, Administração Trump nos EUA e fortalecimento dessa corrente em França e Itália), o utopismo velho de anos da integração pacífica das economias, da «aldeia global», do «império» e, ao contrário confirma que a reprodução do capital social se dá em quadros nacionais, sem que isso implique subestimar a actividade internacional do capital. Agora todos os acordos e tratados regionais, bilaterais, multilaterais, intercontinentais se reorganizam em função dos interesses e da rentabilidade capitalista dos estados nacionais que procuram, como é o caso dos EUA, preservar o seu lugar no sistema imperialista: novas negociações no que respeita ao TPP, ao TLCAN, de que surgirá o TLCAN 2.0, etc.. A Administração Trump perante o imperialismo também desenvolve uma agressiva campanha contra os trabalhadores migrantes e provocações militares em todos os Continentes. A tendência proteccionista baseia-se na resistência dos monopólios locais que desenvolvem a concorrência perante os seus antagonistas, monopólios de outras nações, provocando contradições e choques cada vez mais fortes.

11. Verificam-se choques e reacomodações no sistema imperialista, uma disputa aberta pelas posições dominantes, consequência da *Lei do desenvolvimento desigual* ou *Lei da desigualdade do desenvolvimento económico e político dos países do imperialismo*. Como Lenine ensinou: «A desigualdade do desenvolvimento económico e político é uma lei absoluta do capitalismo» [1] que provoca constantes disputas, reposicionamentos, alianças, contradições, antagonismos, e que só têm saída com a as crises e as guerras. Todos os países capitalistas na fase do imperialismo se converteram em escalões de uma grande cadeia. Essas contradições e choques também se vão verificando nos escalões mais débeis, que podem romper-se, como aconteceu na Primeira Guerra Mundial com a Grande Revolução Socialista de Outubro e como seguramente ocorrerá nos anos vindouros. Esta alteração na pirâmide imperialista é substancial e mostra o declive do centro imperialista norte-americano que faz profundos esforços para não ser deslocado.

Lugar	País	PIB (Dólares)	Percentagem PIB Mundial	Taxa de crescimento
1	EEUU	18,624 billones	24.3%	1.6 %
2	China	11,199 billones	14.8 %	6.7%
3	Japón	4,949 billones	6 %	0.9%
4	Alemania	3,478 billones	4.54%	1.9%
5	Reino Unido	2,651 billones	3.85%	2.1%
6	Francia	2,465 billones	3.26%	1.2 %
7	India	2,264 billones	2.8 %	6.6%
8	Italia	1,859 billones	2.5%	0.9%
9	Brasil	1,796 billones	2.4 %	-3.5%
10	Canadá	1,536 billones	2.1 %	1.4%

As dez principais economias - dados do G-20 e FMI

12. Como o vinham anunciando as tendências dos últimos anos, a China – que é um país onde o desenvolvimento capitalista impera – passou a ocupar o principal lugar na economia mundial e caminha aceleradamente para se converter numa força dominante do sistema imperialista, o que provoca disputas inter-imperialistas com os EUA que apesar de em declive se mantêm no cume da pirâmide imperialista. Os EUA, China e União Europeia lideram a economia mundial e são atores de um confronto comercial, alfandegário, político e diplomático, que é levado a todos os organismos internacionais, a todos os mecanismos interestatais, aos meios de comunicação social, a *um estica e encolhe* que permite antecipar que *a guerra será a continuação da política por outros meios*. A continuar um improvável desenvolvimento dos acontecimentos prevê-se que para o ano 2030 a China já se encontre como principal força económica, deslocando os EUA para o segundo lugar, e em 2050, a Índia desloque os EUA para um terceiro lugar. **É muito clara, e conseqüentemente um factor imprescindível da luta de classes, a mudança qualitativa que se efectua no cume do sistema imperialista, que agudiza contradições e provocará reacomodações significativas e determinantes a ter em conta na estratégia do movimento comunista internacional e naturalmente do Partido Comunista do México.**

13. Uma das características principais do imperialismo é que, graças à sua capacidade de ser quantificada com exactidão, nos permite avaliar o grau de desenvolvimento de uma economia e a sua posição relativa na pirâmide imperialista é a exportação de capitais. No caso da China, desde 1998 que tem estado entre os 3 principais receptores de IED (Investimento Directo Estrangeiro) e recentemente os seus fluxos para o exterior aproximaram-se de uma posição conseqüentemente similar. Comos temos defendido, as relações de interdependência determinam que o capital se transforme em mercadoria, em meios de produção, o capital exportado para um terceiro país pavimenta involuntariamente e acelera o caminho para outro capital (donde, entre outras coisas, encontra terreno para sustentar a tendência à «Auto-suficiência Nacional» por parte de imperialistas

empenhados em projectos de guerra comercial e guerra aberta). Desde a crise de 2008-2009 os monopólios chineses incrementaram extraordinariamente as suas exportações de capital. Em 2007 os fluxos da China para o exterior representavam 4% do total, enquanto em 2016 atingiram 17% do total. Se bem que recentemente, em 2017, tenha havido um retrocesso de até 40% devido a alterações da política económica que limitaram a quantidade de fluxos para o exterior e a uma regulação sobre que áreas e ramos de investimento são encorajados, restringidos ou proibidos, não foi abortada, mas mantida, a tendência de serem chineses mais de 10% do total de fluxos de IED mundiais e até parece que se incrementará – acumulando 8,3 biliões de dólares nos últimos 10 meses. A China coloca-se assim em segundo lugar em proporção com os EUA, e conta com aproximadamente o dobro dos valores em IED que as empresas britânicas ou alemãs.

14. Os capitais chineses fortaleceram a sua posição no processo e um termómetro disto é que, enquanto em 2007 eram só 30 as empresas chinesas entre as maiores do mundo, hoje em dia são 109 das 500.

15. Um dos objectivos destes fluxos de exportação foi redesenhar a cadeia de valores global, sobretudo com o ambicioso plano de completar a «Nova rota da seda» e o «Cinturão», um projecto para a construir uma extensa rede de estradas, portos, nós de transporte para enlaçar os seus interesses entre a Ásia, Médio Oriente, Europa e África. Outro dos objectivos das exportações de capital foi obter e incrementar as capacidades de Investigação e Desenvolvimento dos monopólios chineses. Assim, uma das políticas atuais é apoiar a exportação de capitais com fins de transferências tecnológicas e ao sector manufactureiro de alta tecnologia.

16. Uma prioridade dos capitais chineses tem sido fazer o controlo de matérias-primas e recursos estratégicos para alimentar a sua grande maquinaria manufactureira. A China aproveita qualquer retrocesso observado por outras economias em terceiros países para entrar com um papel predominante. Quando os EUA e a União Europeia se esforçavam para enfrentar a recessão e lidavam com um desemprego juvenil massivo e evitar o colapso de centenas de milhões de habitantes empobrecidos nos seus próprios países, a China dedicou-se praticamente à dominação económica de África. No tempo decorrido desde 2010 até hoje, a China realizou investimentos de 101 biliões de dólares naquele continente, ficando com quase um quinto da produção petrolífera africana, uma proporção semelhante de caminhos-de-ferro e estradas, uma décima parte da mineração e uma quantidade importante da produção hidroeléctrica, de ferro, cobre, construção civil, manufacturas, urânio, capacidade aeroportuária, etc.. Inclusive o Zimbabwe assinou um acordo de cooperação para albergar uma enorme base militar de alta tecnologia chinesa para vigiar os seus interesses sobre os campos mineiros de Marange, ricos em diamantes. Depois de assegurar uma posição dominante no centro de África, a China vira agora os seus olhares para assegurar os seus interesses no Corno de África, assinando acordos de cooperação económica e militar com Djibouti.

17. O crescente impulso da China para obter através do investimento de capital o controlo sobre recursos estratégicos, infra-estruturas-chave e tecnologia de ponta é motivo de tensão com outros centros imperialistas que a isso se opõem cada vez mais rotundamente.

18. É absolutamente correcto defender que a China disputa hoje em dia a primeira posição na pirâmide imperialista. Esta contradição obedece ao acelerado processo de desenvolvimento das suas forças produtivas e da repartição de esferas de influência e mercados aí, onde se entrecrocaram os seus interesses com os dos Estados Unidos, Japão e outros países com economias em posições intermédias mas ascendentes, como a Índia, dificilmente se resolverão por outro mecanismo que não seja a força.

19. O desenvolvimento desigual não só determina períodos de rápido ascenso de alguns capitais e economias capitalistas, mas também outros de estagnação e declínio. Nestes declínios e decomposição, importantes capitais das ditas economias levadas à atrofia não encontram saída para o seu processo de acumulação e dão lugar às formas mais parasitárias, como a especulação financeira, a dívida pública, o crédito internacional, etc.. Ao mesmo tempo que estas economias capitalistas adormecidas se decompõem, os seus rentistas ociosos transferem dinheiro improdutivo para outros mercados onde o desenvolvimento capitalista se desenvolve de forma extraordinária. Lenine ao esmiuçar o funcionamento da exportação de capitais fala de uma extensão e afundamento maior do capitalismo em todo o mundo à custa do estancamento no país exportador de capital [2]. Ao falar do crédito internacional Marx exemplifica: *«Assim, por exemplo, as infâmias do sistema veneziano de despojo constituem uma das fontes secretas da riqueza da Holanda e da Inglaterra. Já nos começos do século XVIII, as manufacturas tinham sido largamente superadas e o dito país tinha deixado de ser a nação comercial e industrial dominante. Daí que, entre 1701 e 1776, se transformasse num dos seus negócios principais o empréstimo de elevados capitais, em especial ao seu poderoso rival, a Inglaterra. Algo semelhante é válido actualmente entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Não poucos capitais que se incorporam hoje nos Estados Unidos sem certificado de nascimento são sangue de crianças só ontem capitalizado em Inglaterra»* [3]. Assim, hoje em dia podemos observar os EUA numa posição análoga à da Inglaterra dos começos do século XX, no cume da pirâmide imperialista, a avançar por um longo período de declínio, assediado de concorrentes cujo vigor se encontra em pleno desenvolvimento, e na paradoxal situação de imprimir mais força aos ditos rivais através dos laços do mercado mundial. A sua economia encontra-se há muito determinada pela actuação de alguns dos capitais monopolistas mais poderosos do planeta.

20. Nos EUA manifesta-se de uma forma muito característica a contradição entre forças produtivas e relações de produção capitalistas, e ainda que continuem na primeira posição do sistema imperialista estão a perder terreno. No processo de concentração e centralização no interior do próprio mercado dos EUA não se deteve, como o atesta a sucessão de operações de fusões e aquisições, ainda durante a recessão e a crise, através da qual a iminente ruína dos concorrentes débeis leva à sua absorção por capitais mais fortes. O impacto destes processos pode medir-se com um incremento

médio de 22% no índice Herfindal-Hirschman no período que vai de 2008 a 2014 [4]. Também os esforços para transferir os custos da crise de sobre-acumulação sobre a própria classe proletária multinacional norte-americana ao incrementar a taxa de exploração não cessam. Podemos observar um reflexo disto ao considerar que ao mesmo tempo que se projecta um débil crescimento do PIB que ronda entre os 1,9%-4%, se estima um crescimento histórico dos lucros de 11% para as 150 maiores corporações – enquanto, desde 1950, a média a longo prazo é de 6,6% anuais – e simultaneamente, o total dos salários como participação do PIB decresceu, para representar 43% do total – quando a média a longo prazo desde 1950 era de 47% [5]. O poder aquisitivo, os índices de bem-estar da classe operária dos EUA não experimentaram melhoras nem parece que tal venha a suceder no futuro imediato, sendo de supor que se atingirem os cortes nos impostos corporativos á custa da afectação dos serviços médicos e sociais de milhões de norte-americanos empobrecidos ocorra uma degradação das suas condições. Como a economia altamente desenvolvida não escapa às contradições do sistema capitalista, como é o facto de os avanços tecnológicos para incrementar a produtividade se saldarem com um incremento da população excedentária relativa, resulta que 88% dos empregos no sector industrial se perderam na automatização e no mercado internacional – de um total de 5,5 milhões perdidos desde 1989 – actualmente verifica-se um decréscimo da procura de mão-de-obra no sector de serviços devido à incorporação de tecnologia de inteligência artificial, podendo perder-se neste sector até 2,1 milhões neste sector nos próximos anos, calcula-se, por exemplo, que dentro em pouco desaparecerão até dois terços dos empregos do sector de finanças e seguros [6].

21. Esta economia mostra sinais de uma prematura estagnação no desenvolvimento das suas forças produtivas e uma deterioração quanto à sua posição como principal centro imperialista que aponta, a continuarem as tendências, para o seu declínio a médio prazo. O crescimento per capita nos EUA teve uma média de 1% entre 2000 e 2016, uma aguda queda de 2,3% sofrida entre 1948 e 2000 [7]. Os índices de produtividade no sector manufactureiro mantiveram basicamente os planos desde 1988 [8]. O seu investimento em Investigação e Desenvolvimento começa a atrasar-se, ainda que se mantenha entres os 5 países com maiores investimentos, a China já o ultrapassou em cerca do dobro [9]. Estima-se que para o ano de 2020 terá investimentos diferidos e atrasados em infra-estruturas num total de 3,6 biliões de dólares [10]. No período entre 1999 e 2012, os fluxos de IED para os EUA como participação total do mercado caíram mais de metade, de 26% para 12%, e ainda que se mantenha como um dos principais destinos foi desde 2012 ultrapassado pela China. Enfrenta igualmente a concorrência como destino de IED com países como o Brasil, o Canadá e o México. Em 2001, das 500 empresas maiores do mundo 215 tinham sede nos EUA e 116 na Ásia – das quais só 10 eram chinesas, para em 2017 passarem a ser 143 as que mantinham a sua sede na América do Norte – 133 nos EUA – e 197 na Ásia – 109 na China.

22. Os EUA recusam entregar a sua posição dominante no sistema imperialista, os lucros que tal lhes traz, de forma pacífica. Naturalmente, recusam-se a resolver a questão da partilha das esferas de influência, dos mercados, das rotas comerciais, dos fluxos de recursos de matérias-primas através de

concessões aos seus rivais. Os capitalistas dos EUA recusam ser sacrificados na destruição controlada de capitais sobre-acumulados, exigindo em contrapartida que sejam os seus parceiros de terceiros países a carregar com os custos. Por isso, em primeiro lugar tomam medidas de natureza económica. É à luz deste estado de coisas e processos que se desenvolvem na sua economia que devemos entender o seu regresso ao proteccionismo em função dos interesses de uma fracção importante dos capitalistas que pretendem explicar o fenómeno através da psicologia de um mandatário. Trata-se de evitar fortalecer o seu rival mais próximo através de uma guerra comercial, das tarifas, dos direitos alfandegários, das quotas de componentes nacionais, etc., sacrificando-se em larga escala o meio ambiente para reactivar sectores como a produção de carvão, petróleo, etc., desbaratam-se acordos para evitar que os laços financeiros dos seus rivais assentem em áreas que são do interesse dos EUA, exigem-se incrementos salariais e alterações na política económica a países como o México, tudo para evitar continuar a perder posições como destinatário de IED, etc..

23. A partilha dos mercados leva à partilha pela força e tem na capacidade de compra organizada do militarismo o seu complemento e a sua solução final para o problema dos capitais sobre-acumulados. Ao mesmo tempo, o militarismo como tentativa de fuga ao beco sem saída dos limites históricos do capitalismo e como meio de subornar camadas da classe operária é uma tradição muito arraigada nos EUA. Os EUA divulgaram uma versão resumida dos seus planos e doutrina militares para a época, onde são evidentes as suas intenções belicistas. Passa da Guerra permanente contra o terrorismo à preparação para o choque com potências rivais – em primeiro lugar a China e secundariamente a Rússia, o Irão e a Coreia – para o qual aponta uma colossal frente de guerra que vai desde o Mar Báltico baixando pelo Este da Europa até ao Mediterrâneo Oriental, o Cáucaso e o Médio Oriente, e daí continua por terra através do Irão até à fronteira do Himalaia entre a Índia e China; por mar contempla os estreitos do Mar Vermelho e do Mar de Ormuz, o Mar do Sul da Índia, do Sul e do Este da China e remata na Península Coreana – sem descartar outros teatros de operações secundários. Encara para voltar a indústria do país à preparação de reservas e à corrida armamentista, não descarta o uso de armas nucleares para as quais o Departamento de Defesa pede já orçamentos e créditos. Ao mesmo tempo a política económica regressa ao proteccionismo e os preparativos militares são acompanhados por um verniz ideológico que fomenta elementos mais reaccionários como o conservadorismo, o chauvinismo retrógrado, a xenofobia, o racismo, o obscurantismo, etc..

24. Estas disputas inter-imperialistas por petróleo, gás, recursos naturais, mercados, rotas, territórios e mares têm lugar em todos os Continentes; são diplomáticas, comerciais, acompanhadas de uma preocupante corrida armamentista, do aumento dos orçamentos militares e da marcha acelerada para uma nova guerra imperialista, de que o primeiro episódio é a disputa pela Síria. Além do perigoso arsenal nuclear com capacidade para destruir várias vezes o planeta Terra, anunciam agora novas e terríficas armas que não têm carácter dissuasivo, mas constituem passos concretos para uma conflagração generalizada, uma nova guerra imperialista; entre as novas características da guerra está a criação e a utilização de exércitos privados, como é o caso do Estado Islâmico e outros, que

permitem, como na Síria, o início do conflito de maneira focalizada sem envolver abertamente os EUA. Desenvolvem-se já acções de sabotagem e guerra irregular, fortalecem-se os mecanismos de espionagem. De uma forma geral no mundo encontramos 13 anos de aumentos dos gastos militares entre 1999 e 2011, posteriormente os gastos mantêm-se em níveis estáveis entre 2012 e 2016, para se voltarem a incrementar em 2017, chegando a 1,739 biliões de dólares [11]. Em todo o mundo, enquanto a população é submetida em cada vez maiores proporções à fome, á pauperização, à queda para um estado de desastre humanitário, etc., os governos burgueses dirigem uma tentativa de aumentar os seus orçamentos militares em proporções fantásticas. Sempre foi claro que as suas preocupações nunca foram as necessidades de uma população oprimida pelos seus aparelhos políticos, mas a defesa dos interesses das suas burguesias no interior e no exterior das suas fronteiras.

25. A Administração Trump continua a agressiva política de Obama, Bush Jr., Clinton e Bush pai – para falarmos apenas dos tempos que se seguiram aos acontecimentos contra-revolucionários que derrotaram a construção socialista na URSS e alteraram a correlação internacional de forças saída da Segunda Guerra Mundial. Nem um só dia de paz, porque o objectivo da política imperialista é garantir a rentabilidade do capitalismo e os lucros dos monopólios. Panamá, Somália, Iraque, Jugoslávia e os Balcãs, Afeganistão, Líbia, Lémen e agora a Síria, para mencionar apenas algumas das agressões com forte participação do imperialismo norte-americano –, mas não somente, pois em vários foi notório o protagonismo de outros centros imperialistas e da NATO.

26. Pelas suas características o imperialismo terá, enquanto existir, uma natureza militarista, agressiva e a sua tendência objectiva será a guerra e a reacção. Nessa tendência configuram-se alianças que se vão alterando de acordo com os seus interesses. Hoje, a disputa imperialista tem o seu epicentro nos antagonismos EUA-União Europeia versus China-Rússia, que compõem a aliança BRICS, além de alianças regionais com países asiáticos e do Médio Oriente, alianças com carácter económico, político e militar. Anotamos também a existência de contradições e antagonismos que se manifestam como a guerra comercial entre os EUA vs. UE.

27. Ratificamos a nossa consideração que o debate unipolaridade/multipolaridade oculta o conflito de classe, o carácter inter-imperialista das contradições e o carácter de classe capitalista das uniões estatais alinhadas num lado ou no outro (por um lado a NATO e as suas extensões à América Latina e à Oceânia, por outro o Tratado de Xangai e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva – OSTC). Não é uma disputa entre o velho e o novo Mundo, entre o capitalismo e o socialismo, é uma disputa por petróleo, gás, minerais, fontes de energia, água, mares, biodiversidade, rotas de transportes, territórios, mercados e mercadorias, mão-de-obra; é a disputa por uma nova partilha do Mundo. O Partido Comunista do México não se colocará debaixo de nenhuma bandeira alheia e lutará contra a guerra imperialista, reivindicando a ruptura da cadeia imperialista com novas revoluções socialistas, única garantia de paz para os trabalhadores e os povos do Mundo.

28. Em 14 de Abril um novo passo foi dado de forma conjunta pelos EUA, a França, o Reino Unido e a UE ao bombardearem a Síria. Medida adoptada depois de militarmente a Rússia, o Irão e a Síria terem derrotado o exército mercenário chamado Estado Islâmico, e de se ter conformado uma aliança Rússia-Turquia-Irão para garantir a estabilidade da Síria. Os custos da guerra vêm sendo pagos desde há anos pelo povo sírio de uma forma continuada com milhares de mortos, centenas de milhares de deslocados, cidades e infra-estruturas destruídas, com a instalação da barbárie na vida quotidiana. E toda a região do Mar Mediterrâneo se transformou numa zona de altíssima capacidade de explosão, um barril de pólvora que pode desencadear uma nova guerra imperialista.

29. Sublinhamos a inviabilidade dos mecanismos internacionais para regular as tendências objectivas do imperialismo na guerra. De forma semelhante à ineficaz Sociedade das Nações nos prolegómenos da Segunda Guerra Mundial, hoje a Organização das Nações Unidas não tem importância alguma. Em primeiro lugar porque já não expressa a correlação de forças surgida da derrota do fascismo – determinada pelo campo socialista encabeçado pela URSS e os países socialistas e o movimento anticolonialista – e em segundo lugar porque é simplesmente um cenário que legaliza qualquer agressão imperialista. Constitui um cretinismo as forças oportunistas apelarem à intervenção da ONU para deter a guerra.

30. Caracterizamos que no cenário internacional já se prepara a conflagração imperialista. Este é o carácter dos conflitos que têm o papel de escaramuças prévias. Sustentar que conflitos como o da Síria têm um carácter determinado pela questão da legalidade internacional, pela questão do mundo multipolar contra o unipolar, pela questão de «quem iniciou as ofensivas» e quem se defendeu, etc., é tão ingénuo como engolir a estória do centro imperialista rival de que se trata de uma «guerra humanitária contra a repressão do regime», uma «guerra contra o fundamentalismo», uma «guerra contra o terror». Seria o mesmo que caracterizar a I Guerra Mundial a partir do conflito da Sérvia. Se, para a Sérvia poderia ter sido uma guerra defensiva para evitar a sua anexação, subjugação, etc., hoje, a esta distância histórica, ninguém se atreveria a julgar o processo histórico no seu contexto a partir daí. Tratou-se de uma guerra imperialista para resolver qual dos lados iria ficar com o maior despojo, e o massacre à escala industrial da população operária e camponesa foi o meio de o conseguir. E tal como ontem também hoje os comunistas têm de arrancar a roupagem ideológica, «patriótica» etc., com que a burguesia oculta as suas intenções. Tal como ontem há que alertar os povos do mundo e preocuparmo-nos com o fortalecimento que nos permita converter o período de uma agressão e guerra imperialista numa guerra civil contra o capital. Ao polemizar com Kautsky, Lênine destaca o papel que a guerra desempenha, de acordo com a Lei de Desenvolvimento Desigual do capitalismo. À medida que o desenvolvimento e a força de um país imperialista avançar com o tempo, este país reclamará dos rivais que vão ficando para trás uma maior esfera de influência. E isto determina uma sucessão de estados de guerra e estados de paz que não podem mais ser entendidos senão como escalões de uma mesma cadeia. Isto é tanto mais esclarecedor quando nos grandes meios de comunicação e imprensa burgueses os temas da guerra e da paz são ideologicamente obscurecidos para ocultar a sua natureza imperialista, e as recorrentes semanas de

campanhas à volta de uma solução pacífica dos conflitos. De uma forma geral, o mundo caminha para uma conflagração imperialista, a questão do momento em que vai rebentar é uma questão que se relaciona muito mais com a iniciativa e as vantagens perspectivadas por uma ou outra potência. Não é determinada por questões tão banais como a personalidade de um dirigente, elevadas a primeiro plano pelos analistas burgueses.

31. Nós, comunistas, advertimos que existe uma equação Capitalismo-Crise-Guerra. E nesta nos baseamos para explicar a raiz das contradições e dos conflitos que vemos levantarem-se. O Partido Comunista da Grécia (PCG) no seu artigo para o nº 5 da Revista Comunista Internacional, ao abordar o tema dos antagonismos imperialistas na sua região, assinala:

A relação capitalismo-crise-guerra conduz ao aumento dos armamentos, à criação de novas alianças militares, á actualização das mais antigas, como é a NATO.

Neste período cabe destacar a corrida das potências capitalistas emergentes, como são a China, a Rússia e a Índia para confrontar as suas deficiências e aumentar a sua força militar em correspondência com o nível de influência dos seus grupos empresariais. Tudo o que anteriormente foi dito intensifica ainda mais as contradições na nossa região, que tem uma importância essencial quanto à repartição dos despojos da enorme riqueza e dos recursos de energia da região, das rotas de transportes das mercadorias. O conflito pode, num ou noutro grau, ampliar-se em toda a região (Mediterrâneo Oriental, Médio Oriente e África do Norte, Golfo Pérsico, Balcãs, Cáspia).

32. Tal situação corrobora a importância do movimento comunista internacional e dos deveres dos partidos comunistas e operários. Cada partido comunista deve assumir a sua responsabilidade na luta contra uma guerra imperialista, pois esta foi uma característica fundacional do movimento comunista surgido da Primeira Guerra Mundial, da Grande Revolução Socialista de Outubro e da Internacional Comunista. Há que reconhecer que alguns sectores do movimento comunista de tendência oportunista assemelham-se hoje mais aos partidos da II Internacional em decomposição, pelo seu «pacifismo», pelo seu colaboracionismo com governos, que no caso dos que fazem parte da UE, são co-responsáveis por agressões imperialistas, como a cometida contra a Síria. Aprendendo com a experiência dos comunistas do México durante a Segunda Guerra Mundial estamos atentos aos cantos de sereia do intoxicante discurso burguês da *Unidade Nacional*, que naqueles anos e sobretudo no pós-guerra conduziu a graves erros e à perda de influência do partido comunista entre a classe operária.

33. Levantando bem alto a bandeira marxista-leninista do internacionalismo proletário, o programa da Revolução Socialista, os partidos comunistas e operários c devem travar uma luta decidida contra o imperialismo e a guerra imperialista, sem se colocarem na esteira de nenhum dos centros imperialistas em disputa, colocando a única opção real à barbárie imperialista: o socialismo-comunismo.

34. O Partido Comunista do México assume as suas responsabilidades. De forma concreta opor-nos-emos à participação do nosso país na NATO, para onde durante o sexénio de Peña Nieto (2012-2018) o Exército Mexicano já enviou tropas para exercícios conjuntos. O PCM opõe-se claramente à presença de qualquer soldado mexicano na NATO e em qualquer mecanismo internacional, da ONU ou de qualquer outra instância, na agressão a qualquer país; opomo-nos abertamente a que o território mexicano, os seus portos e aeroportos, sejam usados como plataformas por tropas imperialistas; opomo-nos a que o petróleo mexicano sirva para o funcionamento da maquinaria de guerra imperialista. Guerra à guerra! Entre a classe operária e os povos denunciaremos sem descanso o carácter de tal guerra, o seu carácter anti-operário e antipopular.

35. O Partido prepara-se para actuar e intervir no quadro de uma perspectiva de agudização dos antagonismos, de intervenções e guerras locais e regionais, e acompanhar os acontecimentos cujo desenvolvimento não descarta a possibilidade de uma guerra imperialista generalizada.

36. A polarização social recrudescer pela apropriação privada por parte dos monopólios da riqueza socialmente produzida, ao mesmo tempo que se mantém a tendência para uma pauperização absoluta e relativa da classe operária, uma maior intensificação da exploração e das contradições sociais. 90% da população mundial apenas tem acesso a 10% da riqueza, em contraste com os 1% que possuem 50% da riqueza. A desnutrição, a falta de água potável, de electricidade afectam centenas de milhões de pessoas, e quase 3 milhões e meio de pessoas morrem anualmente à fome, principalmente crianças. Uma destas manifestações é a questão migrante que afecta milhões de seres humanos que se deslocam como párias, morrendo aos milhares nos mares, nos desertos e submetidos a condições infra-humanas em verdadeiros campos de concentração.

37. O antagonismo socio-classista é a expressão da contradição capital/trabalho, é a essência da dinâmica da luta de classes. A classe operária de todos os países, dos sectores populares em constante tendência para a proletarização versus burguesia, a economia dos monopólios, o poder dos monopólios. Todas as medidas para desvalorizar o trabalho, as reformas laborais, a afectação da jubilações e pensões, o aumento da idade laboral para homens e mulheres, o trabalho precário, o desemprego, a reorientação dos fundos sociais de habitação, a saúde, a educação, a cultura para evitar que os monopólios tenham perdas. Tudo bárbaras medidas contra a classe operária para que seja ela a carregar com os custos da crise, é a medida generalizada do capital e dos Estados burgueses em todos os países.

38. A greve, o protesto nas ruas, a distintos níveis e formas de insubmissão foram a resposta da classe operária, destacando-se pela combatividade a classe operária da Grécia com as suas greves gerais, que ininterrompidamente se choca em cada local de trabalho, no terreno económico e político com o poder dos monopólios, gerido pela nova social-democracia. Mas a classe operária também luta em França, na Alemanha, em Portugal, nos EUA, na Coreia do Sul, em cada país e em todos os Continentes, e o México não é a excepção. É constatável que quando a classe operária e os

trabalhadores lutam e existe um partido comunista claro, leal, as posições de classe qualificam-se, não só se resiste mas passa-se ao contra-ataque, conquistam-se pequenas vitórias escalonadas com o objectivo histórico do socialismo, eleva-se a consciência, aumenta a organização, e é diferente onde o partido comunista corroído pelo oportunismo, pelo eurocomunismo ou qualquer outra variante abandona a luta e condena o movimento operário a uma luta sem horizontes.

39. Auxiliar efectivo do capital, pilar da dominação estatal para preservar a ordem, apaga-fogos essencial quando se apresentam turbulências, desestabilização do sistema, como no caso dos períodos de crise, é a social-democracia e a nova social-democracia. Syriza na Grécia, PODEMOS em Espanha, o Progressismo na América Latina, MORENA no México. Enganar a classe operária e os sectores populares, desmobilizá-los enquanto se aprovam medidas de choque. O seu carácter de classe é evidente, o seu papel político é claro e não há razão explicável de porque provocam confusão em alguns partidos comunistas que vêem na nova social-democracia um aliado a quem expressam solidariedade às suas medidas; a não ser em razão da influência do oportunismo.

40. A luta contra as medidas do capitalismo durante a crise e agora durante a sua débil recuperação não por alternar com uma gestão «mais humana» do capitalismo, social-democrata/keynesiano, é a luta contra o sistema da propriedade privada dos meios de produção e da mudança, é a luta pelo derrube do capitalismo. Por isso é necessário não baixar a guarda contra as tendências oportunistas e reformistas no movimento comunista e operário e intensificar a luta ideológica. Uma das armadilhas são as frentes anti-neoliberais, que também são do interesse de secções burguesas, precisamente para reorganizar a sua dominação de classe. As medidas reformistas não acumulam em direcção aos objectivos revolucionários e continua válida a disjuntiva reforma ou revolução; a Revolução é o caminho que escolhemos no PCM.

Notas:

[1] Lénine, Vladimir Ilitch, *A palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa*.

[2] V.I. Lénine, *O imperialismo, fase superior do capitalismo; Capítulo IV. A exportação de capital*.

[3] O Capital. Sección VII, capítulo XXIV. A assim chamada acumulação originária.

[4] Dados extraídos pela American Action Forum a partir das agências reguladoras nos sectores aplicáveis, por exemplo para Telecomunicações, a partir da Federal Communications Commission.

[5] Dados retirados de Standard & Poor's e do Federal Reserve Bank de St. Louis.

[6] Dados do estudo conduzido em 2015 por Ball State University's Center for Business and Economic Research.

[6] Dados retirados do estudo de Nicholas Eberstadt para Economic Affairs e Commentary Magazine.

[7] Dados do US Bureau of Labor Statistics

[8] Dados da OCDE e do Boston Consulting Group analysis of National Science Board.

[9] De acordo com American Society of Civil Engineers.

[10] Dados do Instituto de Investigação de Paz Internacional de Estocolmo

* Retirado de Teses ao VI Congresso do Partido Comunista do México (PCM), realizado nos dias 3, 4 e 5 de Agosto na Antiga Escola de Jurisprudência, no Centro Histórico da Cidade de México, México.
Documento completo em: http://www.comunistas-mexicanos.org/images/VI_Congreso_Tesis.pdf

Tradução de José Paulo Gascão